

# RONALD MALFI

Finalista do Prémio Goodreads para **Melhor Livro de Terror**

# BRANCO ÓSSEO

GENIALMENTE  
MALÉFICO!



«MALFI É O MESTRE  
DO TERROR.»

*RT Book Reviews*

TOP  
SEL  
LER

*Para Darin e Jon, os meus irmãos*

*O inferno está vazio e os demónios estão todos aqui.*

William Shakespeare

PARTE 1

# CADÁVERES



O homem que entrou no *snack-bar* de Tabby White por volta das sete da manhã daquela terça-feira nublada foi reconhecido apenas por uma mão-cheia de clientes, apesar de já ser um residente daquela vila há quase 30 anos. Entrou com uma rajada de vento frio, a casca mirrada de um homem envergando um pesado casaco de camurça com forro de lã. Havia pedaços de folhas e saibro na sua barba grisalha, e a ponta do nariz e os papos de pele por baixo dos olhos pareciam vermelhos e inchados das frieiras. A camisola interior térmica que usava por baixo do casaco parecia enrijecida com sangue seco.

Bill Hopewell, cuja família vivia na vila há três gerações, foi o primeiro a reconhecer o homem, e mesmo para isso foi necessária a acumulação de vários minutos de escrutínio. Quando se apercebeu de que o tipo era o velho Joe Mallory de Durham Road, Mallory estava sentado ao balcão a aquecer as mãos em redor de uma fumegante caneca de chocolate quente da Tabby.

— És tu, Joe? — perguntou Bill Hopewell. O *snack-bar* de Tabby era um espaço pequeno, e, embora fosse hora do pequeno-almoço, encontravam-se ali apenas meia dúzia de clientes. Alguns deles ergueram os rostos das suas refeições e fitaram Bill Hopewell, que se havia sentado numa das mesas frágeis à frente de uma tigela de papas de aveia e de uma caneca de café forte. Esses mesmos clientes olharam em seguida para o homem, magro como um espantalho, de casaco de camurça, encurvado sobre o balcão da Tabby.

O homem — Joe Mallory, a ser de facto ele — não se virou. Tanto quanto Bill Hopewell conseguia perceber, nem sequer o ouvira.

Foi a expressão no rosto de Tabby White que acabou por levar Bill a descer da sua cadeira e a vaguear até ao balcão. Tabby White era do mais amigável que há, e era raro captar um vislumbre dela em que não estivesse a sorrir. Mas agora não estava a sorrir: tinha servido a caneca de chocolate quente que o homem lhe pedira com uma subserviência atenciosa, e observava-o agora a partir da extremidade oposta do balcão, tendo recuado o mais que pôde para o canto, por baixo de um relógio de parede com a forma de um gato cujos olhos se moviam para trás e para a frente como a agulha de um metrónomo. Havia uma expressão apreensiva no rosto de Tabby.

— Olá, Joe — disse Bill Hopewell quando se aproximou do homem e apoiou um cotovelo no balcão. Quando o homem se virou para olhar para ele, Bill pôs momentaneamente em causa a sua suposição de que aquele era, de facto, Joseph Mallory de Durham Road. Mallory estava na casa dos 50 anos, e aquele tipo parecia uns dez anos mais velho do que isso — talvez mais. E embora Joe Mallory nunca se tivesse mostrado demasiado preocupado com a sua higiene pessoal, este tipo cheirava como se já não tomasse banho há cerca de um mês.

O homem virou-se e sorriu para Bill Hopewell. Por entre os pelos eriçados da sua barba, os lábios estavam repletos de escaras e cieiro. Tinha uma queimadura de frio negra, abrasiva como a casca de uma árvore, num dos cantos da boca. Os poucos dentes que lhe restavam na boca pareciam pequenas cavilhas de madeira.

— Por onde tens andado, Joe? — perguntou Bill. — Já ninguém te via há muito tempo.

— Há anos — disse Galen Provost, que observava o diálogo a partir de uma mesa perto das janelas. — Não é verdade, Joe?

Joseph Mallory girou no seu banco. Com as duas mãos, levou a caneca de chocolate quente aos lábios e sorveu. Um regato de chocolate deslizou pela barba e pingou sobre o balcão de fórmica, manchando-o.

Bill Hopewell e Galen Provost trocaram um olhar desconcertado. Depois, Bill virou o olhar para Tabby, que continuava enfiada no seu canto, por baixo do relógio do gato com os olhos tiquetaqueantes, a roer a unha de um polegar.

— É um bom chocolate, Tabs — disse Mallory, as palavras soando roucas e arrastadas. — Muito bom.

Ao ouvir o seu nome, Tabby chocou contra uma prateleira e lançou uma garrafa de ketchup para o chão.

— O que é isso na tua roupa? — perguntou Galen Provost do outro lado da sala. Agora, todos os estavam a observar.

— Isso que tens na roupa são manchas de sangue, Joe? — perguntou Bill Hopewell, o seu tom menos acusatório do que o de Galen, apesar da frontalidade da sua pergunta. Talvez, pensou Bill, Galen não tivesse sido tão exuberante se estivesse mesmo ao lado de Mallory, onde pudesse ver a terra acumulada nas rugas do rosto de Mallory, as lêndas brancas no cabelo e na barba e o que parecia sangue seco por baixo das suas unhas. Se pudesse ver quão *estranho* Mallory parecia. Bill limpou a garganta e disse: — Tens andado pelo bosque, Joe?

Foi nessa altura que Joseph Mallory começou a rir-se. Ou talvez tenha começado a chorar — pelo menos, Bill Hopewell não tinha a certeza se se tratava de riso ou de choro, e continuaria indeciso até algum tempo depois, até o rosto de Mallory aparecer nos canais noticiosos. Tudo o que sabia era que o ruído que trepidava da garganta do velho Joe Mallory era muito parecido com o de um carburador teimoso, e que as lágrimas se acumulavam nos olhos do homem.

Bill Hopewell afastou-se do balcão, com a ajuda do braço que aí apoiara, e deu dois passos atrás.

O riso — ou o que quer que fosse — durou apenas um par de segundos. Quando terminou, Mallory limpou as lágrimas dos olhos com a mão grande e calosa. Depois retirou algumas notas molhadas do bolso interior do casaco e dispô-las alisadas sobre o balcão. Aceitou na direção de Tabby White.

Tabby White limitou-se a olhar fixamente para ele.

O banco de Mallory chiou quando ele o fez girar na direção de Bill Hopewell. Com alguma dificuldade, desceu do banco. Os seus movimentos eram penosos e rígidos, como se os músculos estivessem demasiado tensos, os seus ossos como ramos quebradiços. Bill apercebeu-se de que as manchas escuras que cruzavam a parte da frente da camisa de Mallory eram igualmente visíveis no casaco e nas calças.

— Bem, eles estão lá em cima, todos eles — disse Mallory. A sua voz ligeiramente mais alta do que um sussurro. Mais tarde, Bill teria de revelar o que tinha ouvido a Galen Provost e aos restantes comensais do *snack-bar* da Tabby, que se encontravam demasiado afastados para ouvirem. — Estão todos mortos, e fui eu quem os matou. Mas já acabei, e é isso. — Virou as costas a Bill Hopewell e olhou para Tabby. — O Val Drammell ainda é o oficial de segurança por estas bandas?

Tabby não respondeu. Não parecia capaz.

— É — respondeu Bill Hopewell por ela.

— Muito bem — disse Mallory, virando-se para Bill. Acenou uma vez, como se estivesse satisfeito. — Algum de vocês pode ter a gentileza de lhe telefonar? Digam-lhe que estarei sentado junto à igreja à espera de que os tipos da polícia estatal cheguem para me vir buscar.

— Sim, está bem — disse Bill, demasiado atordoado para fazer qualquer outra coisa além de concordar com o pedido do homem.

— Muito obrigado — disse Mallory, e depois virou-se e saiu lentamente para a manhã fria e cinzenta.

— Tabby — disse Bill, sem olhar para ela... na verdade, estava a olhar pela janela, a observar a forma magra de Joe Mallory a arrastar-se rua acima em direção à velha igreja. — É melhor ligar ao Val Drammell, como ele disse.

Tabby White demorou alguns segundos a compreender que tinham falado com ela. Percorreu a distância até ao telefone portátil ao lado da máquina de café — um dos seus ténis brancos deixou um risco de ketchup no chão de linóleo, mas ela não reparou — e atrapalhou-se com o auscultador antes de o levar ao ouvido.



— Val — disse ao telefone, a sua voz fina como um junco e quase um gemido. — É a Tabby do *snack-bar*. — Houve uma pausa, depois ela disse: — Acho que te vou passar ao Bill Hopewell.

Passou o auscultador a Bill, e ele encostou-o ao ouvido. Continuava a observar Joe Mallory enquanto este avançava lentamente, estrada fora, em direção à igreja. No horizonte, o céu parecia oxigenado e sem cor. Prometia ser um inverno frio.

— Temos aqui uma situação que achamos que devias vir ver — disse, depois explicou o que acontecera.

## 2

— Foram oito e um quarto da manhã quando o telefone da secretária de Jill Ryerson tocou.

— Unidade Criminal — disse ela. — Daqui fala Ryerson.

— Sra. Ryerson, daqui é Valerie Drammell, sou o oficial de segurança em Hand. Tinha aqui o seu cartão e achei que seria melhor telefonar-lhe por causa de uma situação que temos aqui. — Era uma voz de homem com um nome de mulher, apercebeu-se. Ele falava de um modo apressado, sem fôlego, que era difícil de compreender.

— De onde disse que estava a ligar, Sr. Drammell?

— De Hand, m'nha senhora. — Depois, o homem limpou a garganta e disse: — De Dread's Hand, m'nha senhora.

O nome era-lhe familiar — demasiado único para se esquecer —, mas naquele momento não se conseguia lembrar de como o conhecia ou porquê. Mas tinha acontecido ali alguma coisa, talvez durante o último ano, e ela estivera envolvida de alguma maneira.

— Qual é a situação, Drammell?

— Tenho aqui um fulano, um tipo local, chamado Joe Mallory — explicou Drammell. — Diz que matou um monte de pessoas e enterrou os corpos aqui, no bosque. Ele tem... bem, o que parece ser sangue nas roupas, sangue seco. Não parece fresco. Ele parece... ele não parece bem, Sra. Ryerson... hum, detetive. Estou a ligar para o número certo, não estou? Este é o número certo?

Ela garantiu a Drammell que era, e disse que iria o mais depressa possível. Depois de ter desligado, saiu do seu gabinete e espreitou

para a sala de briefing. Mike McHale estava sentado na secretária mais próxima.

— Dread's Hand — disse ela. — Fica onde?

McHale limitou-se a encolher os ombros. Havia um atlas das estradas no móvel de arquivo atrás da secretária de McHale. Ele inclinou-se na sua direção e agarrou nele, com um grunhido. Abriu o atlas em cima da secretária e analisou um dos mapas da zona.

— O oficial de segurança de lá telefonou. Disse que está com um tipo local que alega ter matado algumas pessoas.

McHale ergueu os olhos do mapa, franzindo o sobrolho.

— Sim? — disse.

Ryerson encolheu os ombros.

— Aqui está — disse McHale, ao mesmo tempo que apontava com o dedo um mapa aumentado do interior do Alasca. — Lá bem no meio dos montes. Devemos levar cerca de meia hora, parece-me — disse McHale.

Ryerson curvou um dos lados da boca, num sorriso parcial.

— Devemos?

— Que tipo de homem seria eu se te deixasse ir sozinha atrás de suspeitos de homicídio?

— Nesse caso, conduzes tu — disse ela.

Encontraram Drammell sentado num banco no exterior da igreja da aldeia, ao lado de um homem que parecia um velho espantalho, com uma barba frisada que lhe chegava à clavícula. Ryerson e McHale saíram do carro-patrolha e aproximaram-se dos homens. Ryerson viu as manchas castanho-acobreadas na parte da frente das ceroulas de Mallory em redor da dobra das calças. Não que lhes atribuísse grande crédito — o tipo podia muito bem ter andando a chacinar animais no bosque durante os últimos dias —, embora houvesse algo nos olhos cinzentos de Mallory que a arrepiaram quando ele olhou para ela.

— Estou aqui para fazer as pazes com o que fiz — disse Mallory quando eles se aproximaram.

— E o que fez? — perguntou Ryerson.

— Venham e eu mostro-vos — disse Mallory. Usou o ombro de Val Drammell para se apoiar enquanto se levantava do banco da igreja. Drammell fez uma careta que sugeria que se sentia enojado com o toque do homem, embora não tivesse feito qualquer gesto para o enxotar. Quando os seus olhos deslizaram para Ryerson, ele pareceu aliviado com o facto de eles estarem ali e de poder transferir para eles aquele problema.

— Esperem um minuto — disse Ryerson. — Este tipo, Val Drammell, telefonou-nos e disse-nos que você matou umas quantas pessoas por estas bandas. É verdade?

— Sim, m'nha senhora — disse Mallory.

— Foi algo que fez recentemente?

— Oh não, m'nha senhora. Já lá vai algum tempo para mim.

— Onde estão?

— Era isso que vos ia mostrar, m'nha senhora — disse Mallory. Apontou em direção à cúspide das árvores que envolviam os contrafortes das Montanhas Brancas.

— É ali que estão? Lá em cima?

— Todas elas — disse Mallory.

— Pessoas — interveio Val Drammell. — Ele diz que enterrou algumas *peessoas* lá em cima. Só para ficarmos esclarecidos.

— Eu compreendi — disse ela a Drammell. Voltando a olhar para Mallory, disse: — É isso que nos está a dizer, certo? Que matou uns tipos e que os enterrou lá em cima. Está certo?

— Claro como a chuva — disse Mallory.

Ela olhou de relance para a linha das árvores antes de voltar a fixar o olhar em Mallory. O bosque era vasto e os contrafortes podiam ser traiçoeiros. Já para não dizer que Mallory parecia faminto e tão resistente como um potro acabado de nascer.

— A que distância? — perguntou.

— Podemos ir a pé, sem dúvida — respondeu Mallory. Mas tendo em conta a sua aparência e o modo como usara o ombro de Drammell como uma bengala para se levantar do banco instantes antes, Jill Ryerson tinha sérias dúvidas de que fossem bem-sucedidos.

— Acho que precisa de ir a um médico primeiro — disse-lhe ela.

— Haverá tempo para isso mais tarde — disse Mallory. — Não vou morrer aqui, m' nha senhora. Primeiro, vou mostrar-lhe onde estão. É importante que vos mostre onde estão. Isto é tudo muito importante.

Ryerson olhou de relance para McHale, que parecia enregelado e sem saber o que fazer. Encolheu os ombros.

— Está bem — disse Ryerson. Por uma razão qualquer, acreditava nele: que era importante que ele lhes mostrasse onde estavam os corpos naquele preciso momento. Como se não houvesse outra oportunidade. Foi buscar um casaco extra à mala do carro-patrolha e ajudou Mallory a vesti-lo. Mallory baixou os olhos para o distintivo bordado no peito, uma expressão divertida no rosto queimado pelo frio.

— Bem, ó p'ra isto — murmurou, tocando com o dedo no distintivo.

Mallory levou-os até ao bosque, um percurso que lhes ocupou praticamente uma hora e durante o qual cobriram uma distância que Ryerson calculou, mentalmente, ser de pouco mais de um quilómetro e meio. Se ela tivesse ido buscar o carro, só teriam sido capazes de percorrer cerca de metade da velha estrada mineira: Depois de uns 15 minutos a andar, a estrada tornava-se estreita, ficando com menos de um metro de largura, e houve alturas em que tiveram de trepar sobre árvores caídas e contornar pedregulhos gigantescos para conseguirem continuar. E depois a estrada desapareceu por completo, rendendo-se a conjuntos dispersos de pinheiros e espruces-de-Sitka e grandes pedregulhos cobertos de musgo verde esponjoso.

— Se isto for uma piada de mau gosto — disse McHale, sem se dirigir a ninguém em particular a meio do caminho —, vão levar com a minha lanterna nos cornos.

Ryerson deixou que Mallory os conduzisse. Não o tinha algemado — teria sido demasiado difícil para o homem trepar através do bosque com as mãos algemadas atrás das costas —, mas tinha-o revisitado sub-repticiamente quando o ajudara a vestir a parca, e não sentira a presença de armas. Além disso, ainda não estava convencida

de que o homem não passasse de um drogado. Era bem sabido que havia bastantes por ali. Ainda assim, manteve os olhos fixos nele enquanto andavam.

— Como arranjou o meu nome e o meu número de telefone? — perguntou Ryerson a Drammell, enquanto trepavam em direção à cúspide dos contrafortes arborizados. — O nome desta vila parece-me familiar, mas nunca aqui estive.

— Vieram cá dois agentes, há cerca de um ano, à procura de um tipo — disse Drammell. — Tanto quanto sei, nunca o encontraram. Quando se foram embora, deixaram-me o seu cartão de visita. Disseram-me que lhe devia telefonar, se o tipo aparecesse por cá. — Drammell franziu o sobrolho e acrescentou: — Nunca apareceu.

Sim, já se lembrava. Tinham recebido uma chamada, há cerca de um ano, do irmão de um tipo que tinha desaparecido por aquelas bandas. O homem seguira o irmão até Dread's Hand, sendo aquele o último local onde se sabia ter estado. Ryerson recebera a chamada e preencher a papelada, mas não fora até ali. Em vez disso, enviara dois agentes até Dread's Hand para confirmar a informação. Não conseguia ter a certeza naquele momento, mas achava que tinham conseguido recuperar o carro alugado do tipo.

— Chegaram a encontrar o tipo? — perguntou Drammell.

— Não — disse Ryerson.

Apesar da sua condição física enfraquecida, Mallory parecia não ter dificuldade em andar. Já McHale e Drammell estavam arquejantes quando, por fim, chegaram a uma vasta clareira. Fora ali mesmo, explicou Joseph Mallory, que enterrara os corpos de oito vítimas que assassinara ao longo de cinco anos. Parecia bastante certo acerca do número de vítimas, mas não tão seguro no que dizia respeito ao tempo que passara a matar.

— O tempo — avançou — funciona de uma maneira engraçada aqui.

Ryerson e McHale trocaram um olhar de relance.

— Compreende aquilo que nos está a dizer, não compreende? — perguntou McHale.

— Claro. — Mallory olhou para McHale, indignado. — Não sou parvo, filho.

— Não, senhor — disse McHale, e Ryerson detetou mais do que um toque de sarcasmo na sua voz.

— Esta é uma zona grande — disse Ryerson. — Seria possível ser um pouco mais exato quanto à localização?

— Há muitas localizações — informou Mallory. — Venha, então.

Ele apontou para as imediações de cada campa não identificada, cuja área cobria apenas cerca de quatro hectares de bosque, de acordo com a estimativa de Ryerson. E embora Ryerson estivesse mesmo ao seu lado, inspecionando a expressão séria no rosto queimado pelo frio de Joseph Mallory, enquanto murmurava «Uma alma aqui», «outra mais acolá», continuava a acreditar que não havia corpos nenhuns ali enterrados, e que Joseph Mallory era apenas mais um drogado, com sangue de alce seco na roupa, que queria os seus 15 minutos de fama junto da polícia estatal de Fairbanks. Afinal de contas, era evidente que o velhote não jogava com o baralho todo, como o pai de Jill Ryerson tanto gostava de dizer.

— E é isso — disse Mallory depois de ter arrastado Ryerson, McHale e Drammell por toda a verdejante terra de Deus (embora não houvesse nada de verdejante em relação àquela floresta do Alasca, em meados de setembro: o chão estava tão frio e cinzento quanto os troncos das espruces-de-Sitka). Tudo aquilo demorara mais de duas horas (por vezes, Mallory sentira-se confuso em relação a uma localização específica, ao passo que noutras ocasiões simplesmente precisara de descansar) e ainda tinham de abandonar o bosque, mas, apesar do frio, Ryerson tinha-se esforçado consideravelmente e sua-va por baixo do uniforme e da parca. Deu indicações a Mike McHale para marcar cada local assinalado por Mallory, e McHale tinha espetado paus na terra e atado um lenço de papel em cada um para ser mais fácil de os localizar.

— Não acreditas que há pessoas *enterradas* aqui, pois não? — perguntou-lhe McHale a certa altura, a sua voz baixa, o hálito quente, a cheirar a café contra o pescoço dela.

— Não, não acredito — disse ela. — Ele parece apenas confuso. Mas vamos seguir as regras, não se vá dar o caso de estarmos errados, está bem?

— Certíssimo — disse McHale.

— Por agora, vou algemá-lo e levá-lo de volta a Fairbanks — disse Ryerson a Mallory quando ele terminou de indicar todas as oito campas não identificadas. — Sentir-me-ia melhor se um médico o visse.

— Agora sinto-me bem — disse Mallory, erguendo-se naquela clareira. Fechou os olhos e virou o rosto vermelho gretado para o céu. Tinha feridas ao longo das maçãs do rosto que supuravam nos seus lábios. Parecia também ter queimaduras graves do frio noutros locais. — Mas já passámos aqui bastante tempo. Eu já o limpei uma vez. Vamos voltar para a vila antes que fique agressivo outra vez.

Jill Ryerson poderia ter-lhe pedido que explicasse o que queria dizer com aquela afirmação, se Valerie Drammell não tivesse falado nesse momento:

— Sim, vamos regressar à vila. Tipo, agora mesmo. — Estava a olhar à volta, como se esperasse que alguém emergisse das árvores e se juntasse a eles. Talvez um fantasma.

— Vocês os dois deviam isolar a área e tirar umas fotografias — sugeriu Ryerson, olhando de Drammell para McHale. — Tratemos disto como a cena de um crime. Vou pedir apoio via rádio quando chegar ao carro. Vou também contactar o gabinete do médico-legista em Anchorage, para que fiquem de sobreaviso, na eventualidade de, bem... o nosso amigo aqui saber do que fala.

— Claro que sei — resmungou Mallory, de sobrolho franzido.

— Eu? — disse Val Drammell. — Eu ficar aqui também?

Naquele momento, para Ryerson, ele parecera tão eloquente como o Tarzan a falar.

— Não é obrigado, mas agradecemos a ajuda, Sr. Drammell — disse-lhe.

Drammell acenou com a cabeça, embora fosse claro que não queria estar ali. O terreno penetrado pelos paus de McHale, com as suas bandeiras de lenços de papel, era uma imagem perturbadora, e sem



dúvida que a última hora e meia sentado com Mallory naquele banco da igreja tinha assustado o pobre coitado. Viu-o levar um cigarro à boca.

— Não fume, por favor — disse Ryerson. — É a cena de um crime.

Drammell fitou-a durante dois segundos — tempo suficiente para que Jill Ryerson pensasse: *Muito bem, cá vamos nós, mostra-me esses músculos de homem* —, mas, depois, ele tirou o cigarro da boca e prendeu-o atrás da orelha esquerda.

— Não queres ajuda para o levar para o carro? — perguntou McHale enquanto Ryerson colocava as mãos de Mallory atrás das costas e lhe colocava as algemas.

— Eu consigo — disse ela. — Vamos apenas controlar este sítio. E não permitamos que os locais cá venham.

— Os locais jamais viriam até aqui — disse Drammell, mas por aí se ficou.

Quando chegaram à vila, no carro da polícia, Ryerson leu os direitos a Mallory.

— Não preciso desses direitos — disse Mallory do outro lado da jaula de arame do banco traseiro do carro-patrolha. — Também não preciso desses advogados. Confesso todos os meus pecados. É isso, não é?

— Estou apenas a informá-lo da lei, Sr. Mallory — disse ela, ligando o carro e aumentando a temperatura do aquecimento. Um pequeno grupo de curiosos surgia do outro lado da rua, observando a situação, nuvens de vapor erguendo-se em espiral das suas bocas abertas. Para Ryerson, pareciam refugiados largados nas margens de um qualquer país estranho.

Ela conduziu lentamente ao longo da estrada principal, que alternavia entre terra com sulcos e gravilha branca, enquanto os curiosos viravam a cabeça em sintonia para assistir à sua partida.

— Apetece-lhe dizer-me qual foi o seu motivo para matar aquelas pessoas? — perguntou ela.

— Não — disse Mallory.

— Não há um motivo?

— Não me apetece dá-lo — clarificou.

— Porquê?

Desta vez, Mallory não respondeu.

— Então e os seus nomes? — perguntou Ryerson. — Pode dizer-me quem são? Eram habitantes locais?

— Não me apetece dizer os seus nomes em voz alta, m'nha senhora, embora não espere que compreenda — disse Mallory. — Não me lembro bem de nenhum dos nomes, de momento, para ser sincero. Essa parte nunca foi importante.

— Ai é? — disse ela.

— Desconfio que acabará por descobri-los com o tempo. E não faz mal.

— Se está apenas a brincar connosco, Sr. Mallory, devia dizer-me já, para que possamos evitar muito trabalho desnecessário.

— Brincar? — disse ele.

— Por outras palavras, se nos estiver a tentar enganar — disse ela. — Se não houver corpos lá em cima, quero eu dizer.

— Oh — disse ele —, estão lá em cima, sim, m'nha senhora. Deus nos ajude, estão lá em cima.

Jill Ryerson tinha as suas dúvidas.

Noventa minutos depois, Ryerson deixava Mallory no Fairbanks Memorial e ao cuidado de dois agentes de rosto imberbe, enquanto McHale e Drammell controlavam a clareira arborizada e esperavam pela chegada de apoio, que incluía cães farejadores e um técnico versado na utilização de um radar capaz de penetrar o solo. Ryerson não voltou a dedicar grande atenção à questão até ter recebido um telefonema, algum tempo depois, de McHale, que ainda estava no local.

— É melhor vires para cá, Jill — disse McHale, e ela detetou uma nota de entusiasmo impertinente na sua voz, embora ele estivesse a fazer os possíveis para se controlar. — Encontrámos um corpo.

### 3

Paul Gallo estava em Telluride a embalar um copo de *Johnnie Walker* e a avaliar ensaios sobre *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, quando ouviu pela primeira vez falar do monstro.

A destoar de forma absurda das tabernas rústicas de tema náutico da Baixa de Annapolis, o bar conhecido como Telluride estava enfeitado com motivos próprios de uma estância de esqui. Havia um par de esquis cruzados por cima do bar e fotografias emolduradas de diversas encostas do Colorado nas paredes forradas a madeira. Uma aconchegante lareira de pedra enfeitava a extremidade mais distante do bar, com um sofá gasto de concepção navaja posicionado à frente. Cabeças de antílope empalhadas pendiam de escudos lacados, os olhos mortos cinzentos e cobertos de pó.

O proprietário era um detetive de homicídios de Baltimore reformado, de seu nome Luther Parnell. Luther nunca fizera esqui na sua vida e admitira a Paul, por mais do que uma vez, que não saberia distinguir uma raquete de neve de uma raquete de ténis. Tinha comprado o local depois de se ter reformado do Departamento, e dado que a clientela de Telluride era em grande número e o local estava em bom estado, deixara-o inalterado, até no nome.

Paul gostava da atmosfera do bar e gostava ainda mais de Lou, mas dirigira-se ali, acima de tudo, por ficar a pouca distância do *campus* da faculdade. As suas aulas de terça e quinta-feira terminavam tarde, o que fazia com que estivesse na rua perto da hora de jantar. Sem qualquer pressa para regressar à sua residência na

Conduit Street, onde teria de preparar um jantar no micro-ondas e comê-lo em frente da televisão, criara o hábito de jantar no Tel-luride nessas noites, enquanto classificava os ensaios e conversava com Lou.

Naquela noite, Paul já tinha terminado o seu hambúrguer e estava a meio do seu segundo copo de whisky quando Luther Parnell, que passava pelo bar, em tom casual, disse:

— Dread's Hand.

Paul ergueu o rosto de um dos ensaios que estivera a avaliar e fitou Lou.

— O que disse?

Luther apontou para a televisão que estava montada por cima do bar. A imagem no ecrã era uma fotografia aérea de uma clareira gelada rodeada por altas árvores cinzentas. Um carro da polícia estava encostado enviesado entre duas árvores e algumas pessoas andavam de um lado para o outro. Uma fita amarela da polícia agitava-se ao vento perto da metade inferior do ecrã. Uma retroescavadora amarela, que expelia nuvens de um fumo de escape azulado, abria uma trincheira na terra. O texto na parte inferior do ecrã identificava o local como Dread's Hand, Alasca.

— É um nome engraçado para uma vila, hã? — disse Luther.

Mas Paul já não o estava a ouvir.

— O que é isto? Onde é o volume?

Luther encolheu os ombros e emitiu um som que se aproximava de um grunhido. Virou a sua atenção para um homem de meia-idade que começava a ficar careca, de gravata, na extremidade oposta do bar. O tipo de meia-idade disse qualquer coisa e Luther Parnell riu-se com a sua sonora gargalhada de fagote.

— Lou — chamou Paul. — Podes aumentá-lo? Podes aumentar o som?

Nesse instante, um bloco de texto surgiu na parte inferior do ecrã: CORPO NÃO IDENTIFICADO RECUPERADO DE UMA CAMPA RASA.

Paul levantou-se do banco do bar. A caneta vermelha, que tinha estado a utilizar para avaliar os ensaios dos seus alunos, rolou pelo

bar e caiu ao chão, mas ele nem se apercebeu. Não se conseguia concentrar em mais nada a não ser no ecrã da televisão.

Luther esgueirou-se para trás do bar e começou à procura do comando.

— Vá lá, vá lá — disse Paul, acenando-lhe com a mão.

— Credo, filho, acalma-te — disse Lou, procurando atrás do bar pelo comando da televisão.

No ecrã, o bloco de texto foi substituído por outra declaração. Desta feita, Paul sentiu um dedo gelado a deslizar pela base da sua coluna quando viu: HABITANTE LOCAL ADMITE TER ASSASSINADO UM NÚMERO DESCONHECIDO DE VÍTIMAS PERTO DA VILA REMOTA DO ALASCA.

O bater trovejante do seu coração enchia os ouvidos de Paul Gallo.

— Lou — disse ele.

— Sim, sim, dá-me um segundo. — Lou localizou o comando e apontou-o para a televisão.

A voz de uma jornalista explodiu dos altifalantes a meio da frase: «... quando um homem entrou num restaurante local na terça-feira à tarde e confessou os homicídios de um número desconhecido de vítimas, de acordo com a polícia. Fontes dizem que o suspeito alega ter assassinado essas vítimas numa área arborizada a poucos quilómetros da remota vila do Alasca de Dread's Hand, uma antiga aldeia mineira a cerca de 160 quilómetros a noroeste de Fairbanks. Como se pode ver pelo nosso vídeo Sky Crew, a polícia está na cena do crime, onde tem estado a trabalhar sem parar durante as últimas 24 horas. A polícia ainda não anunciou a identidade do suspeito e a informação de que dispomos de momento é escassa, com exceção de que se encontra sob custódia policial e ao cuidado de profissionais médicos. Uma testemunha indicou que o indivíduo é, ou foi a certa altura, um habitante local, mas a Unidade Criminal do Gabinete de Investigação do Alasca, que detém a jurisdição sobre a questão, ainda não realizou qualquer declaração oficial.»

«Uma situação perturbadora, Sandra», disse o repórter, precisamente quando a imagem do ecrã saltava para o estúdio, onde os dois

pivôs estavam sentados atrás de uma secretária alta, com um aspeto deprimido mas, ao mesmo tempo, animado. «Só para recapitular, um corpo não identificado foi descoberto numa localização aproximada daquela dada à polícia por um suspeito que alega ter assassinado vários indivíduos aqui, nesta isolada vila do Alasca.»

Paul continuou a olhar para a televisão durante o que pareceu uma eternidade, até a transmissão ser interrompida pela publicidade. O seu coração batia velozmente contra o peito e as mãos tremiam. Ao fim de algum tempo, apercebeu-se da voz de Lou, que o chamava.

— Então, estás bem, Paul?

Paul olhou à sua volta e apercebeu-se de que outros clientes o fitavam a partir das suas mesas. Viraram-se quando ele olhou para eles.

— Meu, o que é que se passa contigo? — disse Lou. Apontou com o queixo para o banco de Paul e sugeriu que este se sentasse antes que caísse.

Paul sentou-se e ficou a olhar para a bebida antes de emborcar o resto garganta abaixo.

Lou tirou o som à televisão, depois voltou a guardar o comando debaixo do balcão. Inclinou-se por cima do bar na direção de Paul, o brinco de diamantes no lóbulo esquerdo da orelha cintilando.

— Que raio se passa contigo, meu?

Paul limpou a garganta e disse:

— Dread's Hand foi onde desapareceu o Danny.

— Danny — disse Lou. Disse o nome como se não o conhecesse, mas depois ocorreu-lhe. Paul viu a recordação a apoderar-se do rosto de Luther Parnell como uma metamorfose e em seguida o detetive de homicídios reformado disse:

— Danny. O teu irmão. Merda, Paul. Tens a certeza?

— Absoluta — disse ele, e pensou: *quem se esqueceria de um nome como Dread's Hand?*

Lou olhou de relance para a televisão, que transmitia agora um anúncio a uma hipoteca invertida. Luther Parnell conhecia a história do irmão de Paul. Paul até fora ali algumas vezes com Danny na altura em que este ficara em sua casa. Quando Danny desapareceu,

fora Lou quem colocara Paul em contacto com um antigo colega seu, um detetive de homicídios de Baltimore chamado Richard Ridgley. Ridgley tinha obtido acesso a alguns dos registos pessoais de Danny — extratos de cartão de crédito e registos de chamadas telefónicas — e colocara Paul em contacto com Jill Ryerson, uma investigadora da Unidade Criminal do Gabinete de Investigação do Alasca, em Fairbanks. Foram os homens de Ryerson que encontraram o carro alugado de Danny, abandonado na berma de uma estrada de terra batida sem nome às portas de Dread's Hand.

— Isto é de loucos — disse Paul. A sua mente a mil.

— Tem calma — disse Lou. — Fica aí sentado durante alguns minutos e tem calma, Paul. Está bem?

— Eu estou bem — disse ele, com pouca sinceridade, bem o sabia, porque o seu corpo passara de frio a quente no espaço de 30 segundos. Abrira a gravata e desapertara os dois botões de cima da camisa.

— Queres que telefone ao Ridge?

Paul acenou com a mão.

— Não tenho a certeza de que servirá isso por esta altura — disse ele. Ergueu os olhos de relance para a televisão, mas continuava no mesmo anúncio. — O que acontece nestes casos, Lou? Eles encontram o corpo e... e depois, o que acontece?

Lou arqueou as sobrancelhas e voltou a cruzar os braços. A tatuagem de uma rapariga a dançar a hula moveu-se no seu bíceps. Inicialmente, Paul pensou que Lou podia estar a tentar descobrir por ele próprio, mas depois, quando ele falou, apercebeu-se de que o detetive de homicídios reformado estivera apenas a pensar na forma mais delicada de responder à sua pergunta.

— Suponho que depende do... bem, da condição do corpo — disse Lou. — Se o corpo ainda não estiver muito decomposto, eles podem retirar impressões digitais e passá-las pela base de dados. Também há os registos dentários, mas isso é normalmente utilizado para corroborar a identidade da vítima quando já há uma suspeita. Há... há identificadores no corpo... — A voz de Lou perdeu-se. Ele franziu o sobrolho e disse: — Não queres ouvir estas merdas.

— Só quero saber como é que as coisas se desenrolam — disse Paul.

— Desenrolam-se sem que tires conclusões precipitadas por ora — disse Lou. — Disseste que tinhas um contacto no Alasca, certo? Alguém com quem Ridge te pôs em contacto?

— A Ryerson. É uma investigadora na Unidade Criminal.

— Telefona-lhe.

— Que horas são agora no Alasca?

— Não faço ideia. — Lou levou a mão à parte de baixo do balcão e retirou uma garrafa de *Johnnie Walker*. Encheu o copo de Paul pela terceira vez nessa noite. — Por conta da casa. Bebe.

Ele queria beber, mas não confiava em si mesmo para agarrar no copo. As suas mãos estavam a tremer demasiado.

— Quatro e meia — disse o homem de gravata na extremidade oposta do bar.

Paul virou-se para o homem.

— Como disse?

— Nesta altura, são quatro e meia da tarde no Alasca — disse o homem. Levantou-se do banco, levando consigo uma caneca de cerveja cor de mijo, aproximou-se e sentou-se ao lado dele. Bateu com o dedo naquilo que parecia ser um relógio dispendioso e depois disse: — Quatro e trinta e oito, para ser exato. Têm um atraso de quatro horas. Eu já vivi em Anchorage.

— Obrigado — disse Paul.

— Desculpem ter ouvido a conversa.

— Não faz mal.

O homem sorriu, o que fez com que Paul pensasse que talvez ele não tivesse ouvido grande parte da conversa. Estava demasiado animado. Ou isso, ou estava bêbedo.

— Esta Dread's Hand — disse Paul, apontando na direção da televisão. — Conhece-a?

— Não, não conheço. Mas há muitas aldeias mineiras para essas bandas, algumas tão pequenas que dificilmente poderiam ser contabilizadas como civilizações. E algumas não são lá muito civilizadas.



*Bêbedo*, decidiu Paul.

O homem sorriu, depois bebeu um gole quase gracioso da sua cerveja.

— É um mundo diferente naquela zona, isso posso dizer-lhe — continuou, depois de ter voltado a pousar a sua cerveja na base de cartão.

— Aposto que sim — disse Paul. Naquele momento, estava a pensar na caixa na prateleira do armário do seu quarto.

— Há um artigo da Associated Press na Yahoo! News — disse Lou, fitando o *iPhone*. — Foi atualizado há cinco minutos, mas não há muito mais pormenores do que aqueles que acabas de ouvir.

— Eles são loucos lá para aqueles lados, sabem — disse o homem de gravata.

— Quem? — perguntou Paul.

— Todos — disse o homem. — Todos eles. Mesmo nas grandes cidades. E quanto mais se avança para as zonas selvagens, mais loucos ficam. Como percevejos. Elevadas taxas de suicídio, elevado alcoolismo. Violência doméstica. E também têm toda uma cultura de violação, embora nunca se tenha ouvido falar disso nas notícias. Pelo menos não aqui, nos «48 de baixo». — O homem acenou para a televisão, que refletia uma suave luz azulada contra a cúpula careca da sua cabeça. — Não se ouve falar daquilo que se passa lá até algo assim acontecer. Que receba atenção nacional, pelo menos durante algum tempo.

Os pivôs estavam de regresso à televisão, mas já tinham passado para uma história diferente. Tendo em conta o estado do mundo, com os seus tiroteios semanais nos Estados Unidos e um inventário contínuo de ataque terroristas por todo o mundo, quanta atenção mediática poderia ser dispensada a uns cadáveres no Alasca?

— Eu trabalhava lá em meados da década de 1980, sabem? — disse o homem. — Andava para trás e para a frente entre Anchorage e Fairbanks, fazendo relatórios para uma companhia de seguros que lidava com empresas do ramo do petróleo e do gás. Normalmente, estava numa qualquer instalação de grandes dimensões numa das

principais cidades, e a minha base era em Anchorage, mas ocasionalmente era enviado para uma aldeia remota fora de mão, caso uma qualquer peça de maquinaria ancestral se avariasse ou um camião-cisterna capotasse numa estrada gelada algures. Esse tipo de coisas acontece mais vezes do que vocês acham por aqui.

— Já vi esse programa de televisão — comentou Lou. — Aquele em que os camionistas conduzem por mares gelados.

— Muitas dessas estradas de montanha não são pavimentadas e são traiçoeiras. Por vezes, as árvores caem sobre as estradas e os condutores não as veem até ser tarde demais.

Lou acenou com a cabeça.

— Na altura tinha 20 e poucos anos, por isso foi uma espécie de aventura para mim — continuou o homem. — Isto foi por volta de 1983 ou 1984, quando fui enviado para Manley Hot Springs, que fica a uns 240 quilómetros a oeste de Fairbanks, no rio Tanana. Para aquelas bandas não há nada além de velhas cidades mineiras esquecidas, tal como disse antes. Acho que, nessa altura, a população de Manley devia ser de umas 70 pessoas, e grande parte delas, provavelmente, não tinha ocupação fixa.

» Há uma estrada, a Elliot Highway, que vai de Fairbanks para Manley Hot Springs. É uma estrada normal, pavimentada, quando se sai de Fairbanks, mas nos últimos 130 quilómetros até Manley não passa de uma velha estrada de terra batida. Um camião-cisterna tinha-se virado às portas de Manley, e eu fui enviado para tirar fotografias e preencher o relatório de incidente. Esta estrada era famosa pelos seus acidentes, e ainda mais durante o inverno, mas este acidente em particular ocorrera em maio e o tempo estava bom.

» Seja como for, fui lá, tirei as fotografias e estava a preencher os meus relatórios, metido nos meus assuntos, até ter ouvido o motor de uma velha carripana a encostar na berma atrás de mim. Tinham passado por mim muito poucos carros na estrada durante toda a manhã, por isso pareceu-me estranho, sabem? Virei-me e vi um grande *Dodge Monaco* castanho e branco, com uma grande canoa de alumínio presa ao tejadilho. Estava ali parado, com o motor ligado,

talvez uns dois metros atrás do meu veículo. A observá-lo, à espera de que o condutor saísse, porque, vejam, não há razão para parar nesta parte da estrada, a menos que se precise de ajuda ou algo assim, sabem o que quero dizer? Talvez tivesse um furo, ou talvez... não sei... estivesse a ter um ataque cardíaco ou assim. Podia ter sido qualquer coisa.

— Quanto tempo é que ficaram ali assim? — perguntou Lou.

— Talvez uns 15 ou 20 minutos. Além disso, não sei se conhecem o *Dodge Monaco*, mas aquilo era tipo o *Cadillac* do homem pobre, e não é o tipo de carro que se use para transportar uma canoa. O motor do *Monaco* ainda está ligado, e consigo ver uma figura que se move de um lado para o outro atrás do para-brisas. Mas o tipo não sai do carro. Não buzina, não abre a janela nem acena para chamar a atenção. Não faz nada a não ser ficar ali sentado.

» Termino o que estava a fazer, depois guardo a máquina fotográfica e os relatórios no carro. E sinto-me tentado a ir-me simplesmente embora... mas depois olho para trás, para o carro do tipo, e penso, ah, que raios, talvez o idiota precise de alguma coisa de mim. Por isso aproximo-me pelo lado do condutor. O condutor baixa o vidro e vejo um rosto grande e peludo de um lenhador a sorrir-me.

» “Precisa de ajuda?”, pergunto-lhe.

» “Não, senhor”, diz ele, do mais educado que pode ser. Parecia ter mais ou menos a minha idade, embora fosse difícil dizer com toda a certeza, tendo em conta a barba áspera. E está a sorrir, um sorriso forçado, não consigo perceber se ele estava a gozar comigo ou se era simplesmente doido varrido.

» “Perdido?”, pergunto-lhe.

» “Não, senhor. Não estou perdido.”, diz ele, continuando a sorrir como um fantoche de madeira. “Na verdade, estou perfeitamente encontrado.”

» Foram aquelas as suas palavras, tal qual: *Estou perfeitamente encontrado*.

» Foi então que me apercebi de que ele tinha uma espingarda apoiada no lugar do passageiro, o cano apoiado no apoio para a

cabeça a apontar diretamente para o tejadilho do carro. Os alarmes de aviso começam a disparar na minha mente e apercebo-me de que, se aquele tipo pegar na espingarda e me der um tiro, o meu corpo jamais será encontrado. Eu estou a olhar para ele, e apercebo-me de que aquele tipo pode muito bem fazê-lo. Aquele sorriso estranho ainda não tinha desaparecido do rosto dele, e os olhos pareciam... não sei... talvez demasiado intensos. Como se ele estivesse a tentar parecer feliz e a convencer-me de que era apenas, sabem, um tipo normal, com demasiado afinco. E eu não me limitava a pensar isto por ter visto a arma, isto era o Alasca, e bastante para norte, e havia armas por todo o lado, embora não possa dizer que alguma vez tenha visto alguém a deixá-la assim, encostada ao lugar do passageiro do seu carro enquanto andava de um lado para o outro. Seja como for, toda aquela coisa começava a assustar-me.

» “O que é que está a fazer?” , perguntei-lhe.

» “Só estava a ver se você era branco” , diz-me ele.

» Bem, eu já estava farto. “Tenha um bom dia” , disse-lhe, e voltei para o meu carro e fui-me embora.

» Bem, cerca de uma semana depois, volto a ver o grande e peludo rosto do lenhador, só que desta vez foi no noticiário da televisão. O tipo chamava-se Michael Silka e tinha assassinado nove pessoas na área de Manley Hot Springs, incluindo um agente da polícia e uma mulher grávida e a sua família. Houve uma troca de tiros e ele foi abatido pela polícia poucos dias depois de eu o ter encontrado em Elliott Highway.

— Credo! — disse Paul.

O homem da gravata terminou a sua cerveja e depois pousou o copo vazio na base de papel.

— Até hoje, pergunto-me se Silka estaria sentado no carro a tentar ganhar coragem para sair e me dar um tiro na cabeça com aquela espingarda. Talvez se desfizesse do meu corpo e roubasse o meu carro. Talvez fosse fazer de mim a décima vítima, sabem? Um número belo e redondo. Se foi essa a sua intenção, se foi essa a razão pela qual parou aquele calhambeque atrás do meu nesse dia e ali ficou

sentado durante 20 minutos a observar-me, então só Deus sabe o que o impediu de o fazer.

— Isso é a coisa mais bizarra que alguma vez ouvi — disse Lou. Ele fitava o homem com os olhos muito abertos, quase cómicos. — E eu já vi algumas merdas muito bizarras na minha vida.

— Por vezes penso nisso — disse o homem. Alguns homens poderiam sentir orgulho em recontar aquela história, pensou Paul, mas este tipo parecia ter acabado de levar um soco no estômago.

O homem tirou uma nota de 50 dólares do bolso e pousou-a em cima do balcão ao lado do copo de cerveja vazio.

— Foi um prazer, cavalheiros. Tenham uma boa noite. E mantenham-se em segurança. — Imitou uma arma com o polegar e o indicador e virou-a para Paul, imitando o som de um disparo.

Paul viu-o a sair com passos inseguros do bar.

— Este é o Tom Justice — informou-o Lou. — Vive a alguns quarteirões. — Vem cá e, de tempos a tempos, apanha uma piela e segue a pé para casa. — Olhou para Paul. — Estás bem? Não precisavas de ouvir esta história assustadora.

— Estou bem — disse ele, sabendo muito bem que não estava.

Eram dez e um quarto quando chegou a casa, a cabeça zonda do excesso de whisky e a mente a fervilhar com uma derradeira e terrível possibilidade. A mais de oito mil quilómetros de distância havia um corpo a ser removido de um pedaço de tundra ártica. A probabilidade de que fosse Danny era remota, embora ele não se conseguisse convencer de que era uma impossibilidade. Ocorreu-lhe também que até àquela noite, e apesar de não ter voltado a ouvir notícias de Danny desde o seu desaparecimento há mais de um ano, houvera sempre uma parte de si — o tremeluzir cada vez mais fraco da chama de uma vela — que se agarrara à esperança de que Danny ainda estivesse vivo algures. Que Danny tivesse enlouquecido e desaparecido, que estivesse a respirar e a viver como um desses tipos das montanhas, a consumir apenas o que a terra dá. Ou talvez tivesse pegado em si e tivesse atravessado a fronteira para o Yukon,

ou mesmo para o Canadá ou o que fosse. Era até possível que Danny se tivesse voltado a meter em sarilhos com a lei e o seu desaparecimento tivesse sido sempre o seu plano...

Eram ideias otimistas, ainda que algo rocambolescas, mas havia uma parte de Paul que sempre se conseguira agarrar a elas. Davam-lhe esperança. Afinal de contas, não era típico de Danny fazer algo assim tão louco?

Mas a notícia daquela noite mudou tudo. Sentia que essa esperança se desvanecia, e a sua ausência fê-lo sentir-se vazio. De súbito, sentiu-se quase esmagado pela dor.

Paul Gallo não tinha esposa, filhos ou animais de estimação, tendo sido apenas saudado por um *hall* escurecido ao passar pela porta da frente da sua vivenda em Conduit Street. Largou a pasta no chão e dirigiu-se à sala de estar, onde pegou no comando da televisão de entre as duas almofadas do sofá. Ligou a televisão, depois dirigiu-se à cozinha, onde se serviu de uma caneca de café quente.

Quando começou o noticiário das 23 horas, sentou-se no sofá agarrado ao seu café com as duas mãos e esperou enquanto transmitiam os relatos da interminável violência de Baltimore, da corrupção política de Washington e uma montagem desportiva que lhe dizia muito pouco.

O segmento acerca de Dread's Hand foi transmitido perto do final do noticiário.

«Noutras notícias, a polícia continua a realizar uma busca por restos mortais numa aldeia remota do *Alasca* esta noite...», relatou o pivô, realçando o nome do estado como se se sentisse surpreendido pela sua existência, «... depois de um corpo não identificado ter sido descoberto na terça-feira à noite numa campa rasa. A busca teve início depois de um habitante local ter confessado os homicídios de um número não especificado de indivíduos na vila de Dread's Hand, e perto desta, e depois ter encaminhado a polícia para a zona arborizada onde alegava ter enterrado os corpos».

A imagem no ecrã passou para uma fotografia a preto e branco de um homem de rosto gelado, nada sorridente, que parecia estar

na casa dos 50 anos. Envergava um casaco de caça aos quadrados e o cabelo estava penteado para um lado, sugerindo que tinha sido penteado de modo a esconder a calvície. O nome por baixo da fotografia dizia JOSEPH ALLEN MALLORY, e a etiqueta por baixo do nome indicava: IDENTIFICADO SUSPEITO DO HOMICÍDIO NO ALASCA.

«Joseph Mallory foi identificado pela polícia ao início da noite como suspeito e é um residente local de Dread's Hand. A polícia afirma que Mallory foi levado para um hospital em Anchorage e está a ser tratado por hipotermia e desidratação. A polícia ainda não revelou o número específico de vítimas, e, embora a polícia diga que Mallory está a cooperar com a investigação, ele ainda não apresentou qualquer motivo para estes crimes, nem identificou as suas vítimas», disse o repórter.

A fotografia a preto e branco de Mallory foi substituída pelo rosto estoico do repórter. «E esta estação acaba de receber a notícia de que foi recuperado um segundo corpo no mesmo local. A polícia espera continuar a busca ao longo da noite.»

Paul desligou a televisão, pousou o café na mesinha de apoio, e depois dirigiu-se ao quarto, onde abriu a porta do roupeiro. Na prateleira de cima estavam pastas repletas de documentos fiscais e papéis de trabalho, bem como algumas caixas de sapatos cheias de recibos aleatórios e correspondência. Entre essas caixas de sapatos e as pastas estava uma caixa de cartão estreita, sem qualquer rótulo. Paul tirou a caixa da prateleira, sentou-se na cama e abriu-a em cima do colo.

No interior encontravam-se cópias dos extratos do cartão de crédito de Danny e dos registos telefónicos que ele recebera do detetive Richard Ridgely, uma série de postais que Danny lhe enviara durante a primeira metade da sua viagem pelo Alasca, bem como uma brilhante fotografia de oito por dez polegadas do próprio Danny, que Paul enviara por e-mail para a polícia de Fairbanks — Danny, de casaco de esqui, com os óculos de sol a sobressair por entre o seu cabelo escuro. Danny sorria para a câmara, assemelhando-se a um anúncio de uma revista para um tratamento de branqueamento dos

dentes. Havia também cópias das duas últimas mensagens que havia recebido de Danny imediatamente antes de ter desaparecido. A primeira dizia A ENTRAR EM DREAD'S HAND — ASSUSTADOR! A segunda era um grande plano do rosto de Danny, com uma decrépita cabana de madeira em pano de fundo, ligeiramente desfocada. Paul enviara cópias das duas mensagens para a polícia.

Também na caixa estavam as cópias dos relatórios que Paul tinha entregado junto do Gabinete de Investigação do Alasca. Preso ao topo dos relatórios estava o cartão de visita da investigadora Jill Ryerson, que ela lhe enviara por correio juntamente com as cópias dos relatórios.

O cartão não tinha número de telemóvel, por isso ele ligou para o gabinete. Tocou várias vezes até que uma gravação da voz fria e profissional de Ryerson o convidou a deixar uma mensagem. *Beep.*

Paul sentou-se na beira da cama, com o telemóvel encostado ao ouvido, incapaz de dizer alguma coisa. A sua mente estava demasiado confusa com pensamentos, um verdadeiro comboio em fuga de pensamentos, e, no entanto, sentia-se incapaz de verbalizar o que quer que fosse através do telemóvel.

*Mas não é só isso, pensou, enquanto o telemóvel ia aquecendo contra o seu ouvido. Ainda és um idiota agarrado à esperança. Não queres saber realmente, pois não? É melhor assim, não?*

Por fim, desligou sem deixar mensagem.



## **O MUNDO DIVIDE-SE ENTRE OS QUE NÃO ACREDITAM NO BICHO-PAPÃO... E OS QUE ACREDITAM.**

Paul Gallo soube da terrível notícia pela televisão: um assassino em série confessara o seu crime e conduziu a polícia ao sítio onde havia enterrado as suas vítimas, na remota povoação de Dread's Hand, no Alasca. A mesma região inóspita onde Danny, o seu irmão gêmeo, fora visto pela última vez no ano anterior. Atormentado pela angústia do destino incerto de Danny, Paul deixa a sua vida rotineira para trás e viaja até ao agreste Alasca em busca de respostas.

Contudo, os sinistros habitantes de Dread's Hand recebem-no com hostilidade e desconfiança. Ao invés de pistas, Paul encontra um grupo de pessoas supersticiosas, crentes num demónio que rouba almas, numa povoação cercada por cruces brancas destinadas a afugentar o mal que se encontra à solta na floresta.

Quanto mais os habitantes negam ajuda a Paul, mais ele procura respostas e se torna também parte do mistério. E, aos poucos, também ele começa a sentir o mesmo, uma presença de fazer gelar os ossos...

### **HÁ ALGO DE DIABÓLICO E MONSTRUOSO NAQUELE LUGAR. DREAD'S HAND NÃO É UM SÍTIO, É UM VAZIO.**

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-660-4



9 789896 686604

Literatura Fantástica